relvado

edição #4 | setembro 2018

BANGU NOS TEMPOS DE CASTOR

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM MARTÍ PERARNAU

O NANTES QUE ENCANTOU A FRANÇA

Relvado é

Redação e Revisão
Felipe Portes, @felipeportes5
Fernando Cesarotti, @cesarotti
Jessica Miranda, @jessmirandinha
Murillo Moret, @moret_
Wladimir Dias, @WladDias

Arte e Diagramação
Felipe Portes

Agradecimentos
Martí Perarnau

MUTANTE

A Relvado tem direcionado algum esforço para entender o que os leitores preferem. Desde o início, temos remodelado levemente o projeto para agradar ao maior número possível de pessoas. Como toda outra tarefa que envolve contato e aceitação do público, essa tem sido complicada. Mas podemos dizer que nas duas últimas edições chegamos perto do que queríamos fazer com a revista.

Agora, entendemos que um produto digital como a Relvado não pode ter 100 ou mais páginas. Acaba sendo por demais cansativo investir tempo e esforço para ler a edição por completo. Por esse motivo, enxugamos um pouco o tamanho da leitura, para ter maior flexibilidade de temas e variedade. A ideia, de agora em diante, é ter no mínimo 50 páginas para desenvolver ideias e contar boas histórias.

Mais do que isso: relembramos a importância de seções curtas para aquecer o clima para as matérias principais. Vamos implementar lentamente ao longo das próximas edições, de forma que a revista sempre tenha alguma coerência estrutural com a anterior. Mutante, mas dando um passo de cada vez.

O que é permanente na Relvado é o apelo para entrevistas. Estamos tentando trazer personagens e entrevistados relevantes para as edições, mas é um processo demorado e complicado por questões de agenda. Para a quarta edição, Wladimir Dias teve uma ótima conversa com Martí Perarnau, autor de livros como “Guardiola Confidencial”, em texto que encerra esta revista.

No mais, seguimos atentos a diferentes assuntos, diversificando cada vez mais a experiência. Acreditamos que é possível consolidar esse modelo com paciência e alguma criatividade. E agora, mais do que nunca, contamos com vocês para continuar crescendo. É só o começo dessa caminhada de muito aprendizado, tentativa, erros e acertos.■

4 LADO B DOS BOTÕES (HAARLEM 1981-82)

5 O BANGU QUE SONHAVA GRANDE

12 A ESCOLA DO NANTES QUE ENCANTOU A FRANÇA

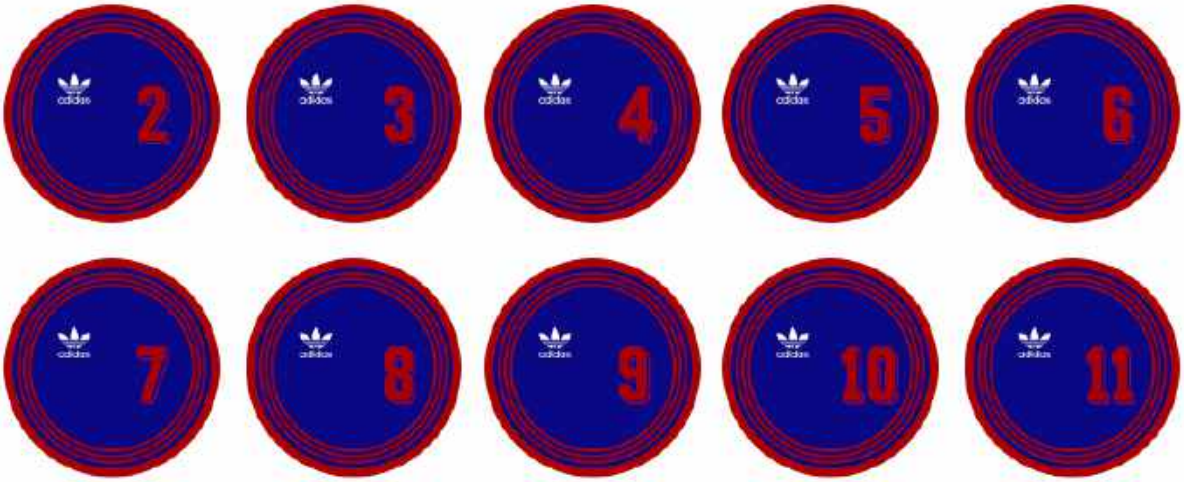
19 QUANDO CRIME E FUTEBOL FORAM UM SÓ

26 CIRANDA CIRANDINHA AZUL LONDRINA

30 O MILAGROSO GUARANÍ DE CAYETANO RÉ

36 O AUGE DA INSANIDADE NA LIBERTADORES

43 ENTREVISTA COM MARTÍ PERARNAU



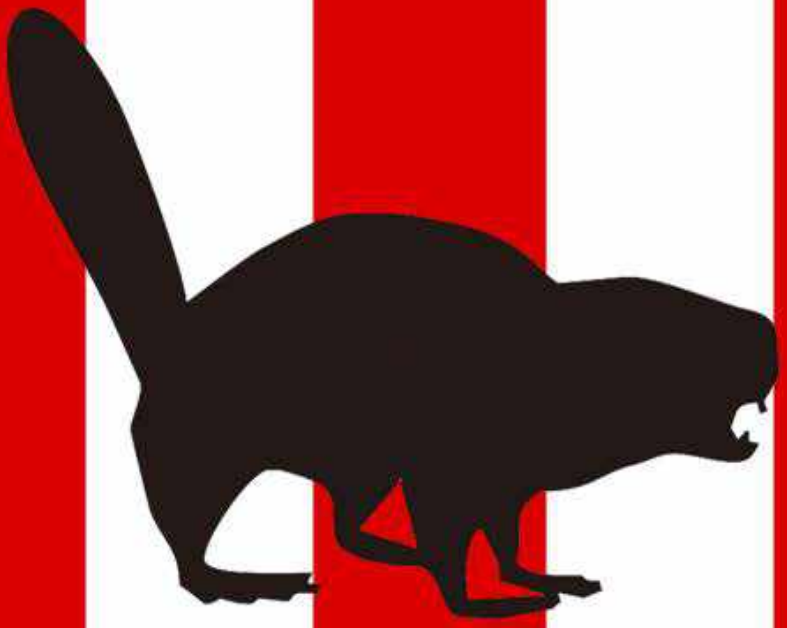
HAARLEM, 1981-82

Cidade | Haarlem, Holanda
Fundação | 1889
Temporada | Quarto lugar no Holandês
Time-base | De Jong, van Leen, Leijsner, Huyg, Masefield, Gullit, Balm, Haar, Nijholt, Böckling e Kleton

O time

O Haarlem deixou de existir em 2010, mas seu último grande feito foi na longínqua década de 1980. Equipe modesta no cenário holandês, com dois títulos nos anos 1910 e 20, ficou famosa pela última vez por revelar um talento bruto como Ruud Gullit. Antes de usar os inconfundíveis dreadlocks com bigode, o craque jogou na defesa, como líbero. Versátil e com enorme dinamismo para subir ao ataque, Gullit logo tomou conta do time e foi para o meio.

Em 1981-82, com Gullit ainda garoto e em grande fase, o Haarlem beliscou um quarto lugar no Holandês. Ruud vestia a camisa 8 e, verdade seja dita, apenas ele vingou no futebol depois disso. O elenco "operário" não foi longe na Copa da Uefa da temporada seguinte. Gullit, destaque absoluto, foi vendido para o Feyenoord no segundo semestre de 1982. Sem seu dínamo, o Haarlem foi perdendo força. Em 1990, foi rebaixado para a segunda divisão e nunca mais voltou.



O BANGU QUE SONHAVA GRANDE

BRASIL | POR WLADIMIR DIAS

Como um bicheiro mudou para sempre a história de um dos clubes mais simpáticos do futebol carioca

É amplamente difundida a história de que o Vasco da Gama foi o primeiro time brasileiro a admitir a presença de jogadores negros em seu elenco. Porém, há pelo menos mais um clube que reivindica a marca.

O Bangu, clube cuja fundação está diretamente ligada à Companhia Progresso Industrial do Brasil, teria tido em seus quadros, além de uma porção de imigrantes – sobretudo ingleses –, um brasileiro. Fernando Carregal, um típico mulato, acabou sendo o exemplo do atleta do clube. Operário, filho de português, branco, e brasileira, negra.

Houve um tempo em que era possível considerar o clube uma das referências do futebol do Rio de Janeiro. Apesar disso, essa não é a realidade atual do Bangu, já há muitos anos afastado do que chamamos de alto nível. É curioso notar, entretanto, que o momento pelo qual o alvirrubro é mais lembrado foi motivado por muito dinheiro e de origem duvidosa – nada daquilo que Mario Filho contava no seu famoso "O Negro no Futebol Brasileiro", ao relatar que "o que distinguia o Bangu [...] era o operário".

Nos anos 80, foi a grana do jogo do bicho que elevou a equipe banguense ao patamar de potência nacional.

O mecenato de Castor de Andrade

O jogo já foi das pautas mais comentadas no Brasil. Ao falar da prática, é impossível não tratar do nome de Castor Gonçalves de Andrade e Silva. Herdeiro de duas gerações ligadas ao ramo do bicho, era um desses mitos casca dura. Em muitos contextos, sua vontade era lei. A punição em caso de desobediência podia vir na bala e seus negócios possuíam infindáveis ramificações. Essa realidade conflitava com a personalidade do personagem, em geral visto como alguém afável e de bom trato.

Apesar disso, havia pelo menos um lugar em que podia ser apaixonado, sonhador. Esse era o poder arrebatador que o futebol tinha em sua vida. Sua relação com o Bangu vinha do bairro homônimo, na zona oeste da capital fluminense. De lá também provinham diversas acusações de ligações do jogo do bicho com todo tipo de crime, desde tráfico de drogas até alianças com torturadores durante a Ditadura Militar (embora Castor tenha sido preso no final dos anos 60).

Castor de Andrade era podre de rico, um dos reis do submundo carioca. Usualmente, andava com 23 seguranças para protegê-lo. Mas, como acontece em muitas comunidades, ele acabava sendo um dos provedores no pobre bairro. Várias necessidades básicas da população local eram supridas pelo bicheiro. Além disso, dirigia a escola de samba Mocidade Independente e o Bangu Atlético Clube.

O clube de futebol, cuja presidência de honra era herança de seu pai, Seu Zizinho, era uma de suas grandes paixões. Muito em razão dele, era amado nas ruas. Castor exercia com perfeição o papel de líder carismático — uma dessas idiossincrasias que marcam o Brasil. Sob sua direção, o jogo do bicho prosperou como nunca antes da história de sua família e o Bangu acabou sendo carregado na onda de dinheiro. Tinha, então, um mecenas.

Veículos como a Trivela não hesitam ao carimbar o rótulo de Dom Corleone à mítica figura de Bangu. Ele tinha as garras

entranhadas no mundo do crime, todo mundo sabia, mas era intocável. Um sujeito peculiar, metódico, supersticioso (sempre vestia a mesma roupa em dias de jogos e conduzia uma reza ao final das partidas), cuja inteligência não era colocada sob suspeita e que, controvérsia à parte, adorava o clube.

Tal devoção acabou resultando em situações pitorescas, como uma invasão de campo, em jogo contra o América, válido pelo carioca de 1966. O clube precisava vencer e, quando teve um pênalti assinalado em seu desfavor, viu o dirigente irromper no gramado, de revólver à mostra e sem vergonha alguma.

Entretanto, Castor, que também frequentava os círculos sociais mais exclusivos da sociedade carioca, era uma figura próxima de seus atletas e também levou o clube ao êxito mais relevante de sua vida.

Um time de craques

Historicamente, o rol de grandes craques que passaram pelo Bangu é grande. Todo o clã Da Guia despontou lá – Ladislao, Domingos e Ademir. Zizinho, o grande ídolo de Pelé, também vestiu a camisa alvirrubra.

Jorge Mendonça é outro que surgiu no Estádio de Moça Bonita. Naturalmente que o clube teve alguns sucessos eventuais, como o inapelável título carioca de 1966, aplicando o placar clássico de 3 a 0 sobre o Flamengo, não deixa mentir.

No entanto, as pretensões nacionais nunca foram muitas (vale, claro, o adendo de que no passado os estaduais eram muito mais relevantes). Na década de 80, Castor de Andrade tinha claro que isso precisava mudar. Para tanto, seria necessário gastar.

Começaram a chegar ao clube muitos jogadores de alto nível. Em 1983, um dos anos mais bem recordados pelo torcedor do clube, a equipe já alinhava gente como o firme Moisés (vencedor do prêmio Bola de Prata, oferecido pela Revista Placar, em 1981) na zaga, e do meio para frente Arthurzinho, Mário, Marinho e Ado. Exceção ao último, todos foram selecionáveis em algum momento de suas carreiras.

Na Taça Guanabara do referido ano de 83, o time viveu um dos dias de maior brilho de sua história. Massacrou o Flamengo: 6 a 2 – Arthurzinho marcou quatro vezes. Um ano antes, o time também chegou às quartas de finais do Campeonato Brasileiro.

Nessa altura, entretanto, o título do Brasileirão e a disputa da Copa Libertadores da América já eram objetos muito cobiçados pelos clubes nacionais. O Bangu tinha que triunfar além do terreno estadual. A redenção acabou por vir em 1985. Sem título, mas com lugar definitivo na história do futebol brasileiro.

Foi quase

A escalação banguense era bem conhecida do público: Gilmar; Márcio Nunes, Jair, Oliveira e Baby; Israel, Lulinha (Pingo), Mário; Marinho, João Cláudio (Fernando Macaé) e Ado. O treinador era o aposentado Moisés, o vigoroso zagueiro e líder do início da década.

Aquele 1985 acabou sendo possivelmente o ano mais marcante da história do clube carioca. Primeiro, veio o estadual. No Estadual, o Bangu não foi o líder, mas na soma dos turnos foi quem mais somou pontos.

Segundo o regulamento daquele ano, nessa hipótese o clube se juntava aos campeões, para disputar um triangular. A turma de Moça Bonita venceu o Flamengo e perdeu para o Fluminense. Acabou ficando na segunda posição, o título rumando para o tricolor.

A grande história, porém, foi escrita no campeonato nacional. Como era praxe nos anos 1970 e 80, a fórmula da competição era um tanto quanto bizarra. Os 20 melhores clubes do ranking de pontos da CBF eram divididos em dois grupos (A e B). A isso se dava o nome de Taça de Ouro. Além disso, o campeão e o vice da Taça de Prata de 1984, além de outros 22 clubes – classificados via estadual – eram colocados em outros dois grupos (C e D).

Avançavam quatro equipes de cada grupo, divididas em novos grupos, dessa vez de quatro equipes, que se enfrentavam em turno e returno. Os campeões disputavam semifinais e os vencedores decidiam o título.

Marinho, bola de ouro em 1985

Nesse contexto, o Bangu terminou colocado no Grupo D. Liderou ambos os turnos, e, ao lado de Ponte Preta e Brasil de Pelotas, foi um dos times mais relevantes da disputa. A seguir, o time teve pela frente Internacional, Vasco da Gama e Mixto. Novamente liderou e avançou às semifinais. Bateu duas vezes o rival local, empatou uma vez e venceu outra contra o Internacional, mesmo placar obtido ante o Mixto.

Nas semifinais, um reencontro com o Brasil de Pelotas. Uma vitória por 1 a 0 e outra por 3 a 1 foram suficientes para levar o Bangu à final. Na outra chave, o Coritiba bateu o Atlético Mineiro, em jogos apertadíssimos, em que brilhou a estrela do goleiro Rafael Cammarota.

A final foi no Maracanã. 91.257 pessoas viram um jogo duro, como foi a tônica das partidas do Coxa. O 1 a 1, com gols anotados por Lulinha, para o Bangu, e Índio, para os paranaenses, levou a partida para as penalidades.

As primeiras cinco cobranças foram todas convertidas pelos atletas das duas equipes. Então, Ado foi para a marca da cal. Errou. O título foi para Curitiba. Naquele ano, Baby e Ado ganharam a Bola de Prata. Marinho foi o Bola de Ouro.

Um final abrupto e irreversível

Em 1986, o Bangu disputou a Copa Libertadores da América. Mas foi mal. Sucumbiu em um grupo com o Coritiba e os equatorianos do Barcelona de Guayaquil e Deportivo Quito. Terminou com a última colocação. Em 1987, ainda venceu a Taça Rio, momento em que já tinha no elenco jogadores como Mauro Galvão, Toby, Márcio Rossini e Paulinho Criciúma.

Em 1988, contudo, a história deu uma guinada. Treinado por Zagallo e com Castor de Andrade sob investigação, o clube teve de se desfazer de vários de seus melhores jogadores e caiu para a segunda divisão, no que foi o primeiro Brasileirão com 24 clubes, acesso e descenso – uma das consequências do rompimento do Clube dos 13 com a CBF, que acontecera no ano anterior. Nunca mais voltou.

Aos poucos, mesmo as campanhas razoáveis no campeonato carioca também foram se tornando cada vez mais raras. O mecenas banguense acabou preso em 1994. Viveu em prisão domiciliar até 1997, quando, por fim, faleceu.

Sofreu infarto fulminante quando, desrespeitando a ordem judicial, jogava buraco na casa de uma amiga. ■

A ESCOLA DO NANTES QUE ENCANTOU A FRANÇA

FRANÇA | POR FELIPE PORTES

Praticando um futebol diferente e ofensivo, o Nantes de Jean-Claude Suaudeau foi campeão perdendo apenas uma partida

O que é jogar bonito? Um conceito utópico de um jogo que nunca mais vai voltar? Uma ode à eficiência, ao futebol ofensivo, à agressividade e ao domínio em relação aos rivais? Se você espera tudo isso de um time de futebol, talvez seja melhor viver apenas de videotapes e vídeos antigos.

O esporte mudou com a prevalência do físico e mental perante o técnico. O fenômeno vem acontecendo nas duas últimas décadas e vive seu ápice nos principais campeonatos, mundo afora.

Quando o futebol ainda era mais permissivo (sobretudo antes do famigerado Caso Bosman), mais equipes se destacavam no cenário internacional. Vez ou outra, um intruso entrava de sola na festa dos grandes, ao menos dos candidatos óbvios.

Se hoje temos equipes cada vez mais cautelosas e preocupadas com a defesa, o estilo kamikaze adotado por alguns antigamente dava seus resultados.

Os Canarinhos de Coco Suaudeau

O ano é 1991. O Nantes, tradicional equipe francesa, não conquista a Liga desde 1983. Mas dá indícios de que irá incomodar na década seguinte. O elenco, que consistia em jovens talentosos, depositava grande esperança em Marcel Desailly, Christian Karembeu, Reynald Pedros, Jean-Michel Ferri, Jean-Jacques Eydelie, Japhet N'Doram, Nicolas Ouédec e Patrice Loko. Era o início da segunda passagem do treinador Jean-Claude "Coco" Suaudeau pelos Canários.

No cargo desde 1982-83, com um breve intervalo entre 1988 e 91, o comandante já havia disputado nove temporadas como meia do Nantes, entre 1960 e 69. A relação se fortaleceu ainda mais com os títulos franceses de 1983 e 95.

Em questão de desempenho, o nono lugar na Ligue 1 de 1991-92 foi uma decepção para os planos de Suaudeau. O time oscilou demais, vencendo 12 partidas, empatando 14 e perdendo outras 12. Mais que resultados, preocupava o desequilíbrio defensivo: o Nantes sofrera 39 gols, terminando com saldo de menos dois.

O segundo ano

Mudanças sutis aconteceram nos vestiários para a temporada seguinte. A saída de Desailly para o Marseille provocou a contratação de Serge Le Dizet, do Rennes. No meio-campo, um certo Claude Makélélé, com bons predicados no ataque e na defesa, subia da base. E em seus primeiros grandes momentos, a presença ofensiva chamava a atenção, diferente do Makélélé mais de contenção como nos tempos de Real Madrid e Chelsea. A ordem no ataque era a mesma.

Mais dinâmico e adequado ao que Suaudeau procurava, o Nantes encaixou. O quinto lugar na Liga, com 17 vitórias, foi o complemento para a boa participação do time auriverde na Copa da França, engatando uma participação na final, contra o Paris Saint-Germain.

Entretanto, na decisão, eles foram atropelados por 3 a 0, com direito a três expulsões: Karembeu, o zagueiro croata Zoran Vulic

e o substituto Jean-Louis Lima foram para o chuveiro mais cedo. O PSG passeou com gols de Antoine Kombouaré, George Weah e Alain Roche, consolidando a vantagem dos 50 aos 59 minutos, em um apagão total do Nantes.

A insistência por um jogo mais direto, ofensivo e de pouca posse empurrou o Nantes para uma campanha similar em 1993-94. Com a marcação e os desarmes insanos de Makélélé e Karembeu, os Canários estavam com meio caminho andado para fechar e proteger a zaga. Na saída, a velocidade de seus jogadores ajudou. Pedros, carregador de bola, dava arrancadas a torto e direito.

A consagração

Foi em 1994-95 que finalmente veio a coroação. Suaudeau não recebeu nenhuma grande estrela. A aposta maior foi no entrosamento do elenco que já estava lá. A chegada de maior impacto foi de Benoît Cauet, que veio do Caen.

Era uma recuperação para a carreira do meia, que saiu por baixo do Marseille e reencontrou sua melhor fase. Anos depois,

se mudou para a Internazionale. Patrice Loko estava inspirado e achou sua melhor temporada no comando do ataque dos Canários. Ao todo, marcou 22 gols, puxando o desenvolvimento de Ouédec, colega dois anos mais novo, além de formar parceria efetiva com N'Doram, que arrancava em alta velocidade.

A principal característica do Nantes era explorar e martelar em cima da bola em profundidade. Loko, Ouédec e N'Doram subiam livres e recebiam lançamentos, muitas vezes finalizando de primeira. Quando ia ao fundo, o ataque recuava com passes para o meio da área, deslocando a zaga.

Havia uma orientação para ocupar espaços livres e espaçar o jogo, dificultando a marcação individual. Quando a bola sobrava e os atacantes do Nantes tinham espaço, não havia linha defensiva que freasse o ímpeto.

VÍDEO |
Patrice Loko marca o gol do ano pelo Nantes contra o Paris Saint-Germain

O golaço

A velocidade de raciocínio e de jogo proporcionou um dos gols mais memoráveis da história da Ligue 1. De um lançamento lateral, o Nantes pegou o PSG desprevenido e trocou passes pelo alto. Em apenas quatro toques, sendo três de Loko e um de Pedros (a assistência), o gol provou que Suaudeau não estava para brincadeira. Ele não queria vencer de qualquer jeito. A proposta era buscar o título e ainda lançar tendência.

Com cinco vitórias em sete partidas, o Nantes bateu o PSG e se transformou em candidato sério. Na quinta rodada, assumiu a liderança e de lá não saiu mais, caminhando a largos passos para fazer história. Os rivais diretos, Lyon e PSG, esperavam por uma derrota para desestabilizar o time na Liga. Mas a cada semana, o tropeço ficava mais distante.

O Nantes também empatava, é claro. Na virada de turno, o cansaço e o desgaste não pesaram. Da rodada 21 até a 24,

triunfos confortáveis contra Caen (2 a 0), Lille (3 a 0), PSG (3 a 0) e Montpellier (3 a 2) empurraram ainda mais o Nantes para perto da conquista, a sétima da história do clube.

Na maioria das vezes, a solidez, unida a um elenco forte, são as partes básicas para um sucesso em curto prazo, sobretudo em ligas nacionais. O Nantes tinha um grupo modesto para o que planejava, mas encontrou no seu estilo e no entendimento entre os jogadores para perseverar. Um caso raro de projeto lento e eficiente.

A filosofia de Suaudeau já havia convencido os atletas. A eles, restava dar o salto para garantir o prêmio maior para a insistência nesse jogo. Dificilmente alguém dava mais de dois toques na bola. Conforme a jogada transcorria, o Nantes envolvia e encurralava o adversário. Era uma pressão quase imparável e que deu frutos em todas as rodadas. Não era simples posse de bola. Era instinto assassino.

O tropeço e a entrada no grupo dos campeões

Na rodada 33, esperando a entrega de um título que já estava há muito tempo no colo, o Nantes enfrentou o Strasbourg, fora de casa, em 15 de abril de 1995. Aquele foi um dia em que

nada deu certo para os auriverdes, com gols perdidos, passes errados, e uma partida especialmente inspirada do Strasbourg. Os responsáveis foram Frank Leboeuf e Alexander Mostovoi, em um gol absurdo de falta, que definiram o placar surpreendente: 2 a 0 para os mandantes.

Foi a única derrota de um time impecável e quase imbatível, mas que já estava em estado de relaxamento. Demorou, mas na rodada 36, contra o Bastia, um empate de 2 a 2 serviu para garantir o título.

Além da façanha, ficou o recorde: 32 jogos invicto, marca que foi superada apenas pelo milionário e dominante PSG, que chegou aos 37 em 2016. Por muito tempo, o Nantes de 1995 foi a grande referência de futebol ofensivo, quase artístico, na França. Foi, também, uma das últimas provas de sucesso sem altos investimentos financeiros.

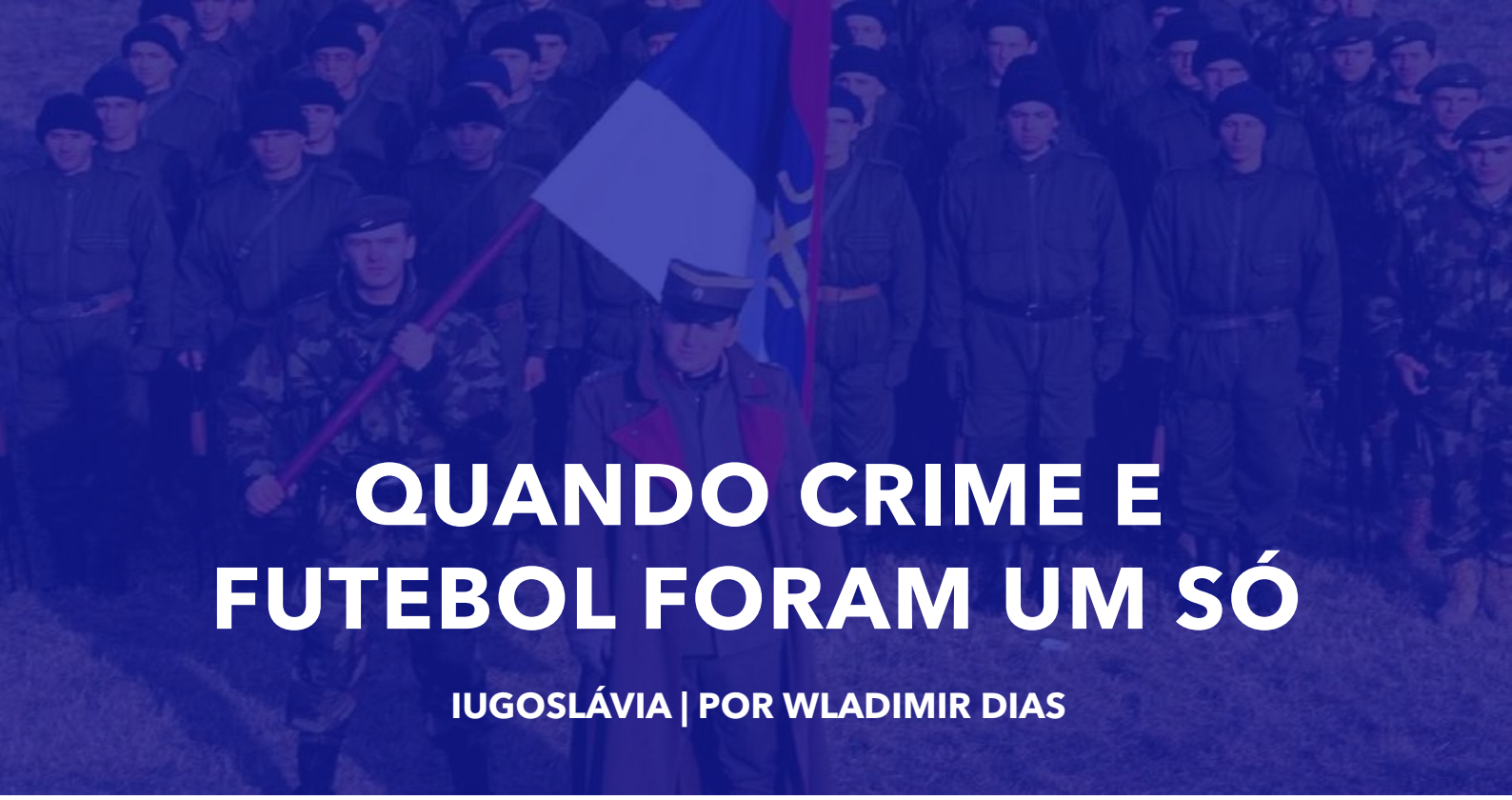
No ano seguinte, sem Karembeu (e Loko), o time lutou para alcançar a sétima posição na Liga. Mais importante que isso, superou as expectativas e sobreviveu até a semifinal da Liga dos Campeões, contra a Juventus, vendendo caro a vaga na decisão, com o agregado de 4 a 3, fruto de um jogo intenso na volta, no Stade de La Beaujoire.

O desmanche foi inevitável para um clube do porte do Nantes – incapaz de concorrer com o dinheiro do PSG e o retorno do Marseille, que visitou a segunda divisão após um escândalo sem precedentes de corrupção. Os canários perderam força após a saída de Coco Suaudeau, em 1997.

O título nacional em 2001, no último ano da Ligue 1 com 18 clubes, aconteceu com um elenco e comissão técnica totalmente renovados, em outro contexto completamente diferente. Na ocasião, um operário grupo do Nantes faturou a liga perdendo oito jogos, mas com o melhor ataque, marcando 58 vezes.

Nas Copas, foi longe, beliscando a semifinal da Copa da França e na Copa da Liga, caindo para Strasbourg e Lyon, respectivamente. Era o fim do período de sucesso dos auriverdes no futebol moderno. ■

adidas



QUANDO CRIME E FUTEBOL FORAM UM SÓ

IUGOSLÁVIA | POR WLADIMIR DIAS

O Obilic dominou o futebol iugoslavo por uma temporada. Mas o time de Arkan e Svetlana Raznatovic se impôs à base da força e do terror

Não é mistério para ninguém o fato de que, na Sérvia, o futebol é dominado por duas grandes potências. Mesmo quando o campeonato local ainda abarcava clubes de outros países eslavos, nos tempos em que a Iugoslávia os unia, os dois gigantes de Belgrado já se destacavam. Estrela Vermelha e Partizan são, historicamente, as equipes mais poderosas da região. Em 1997-98, porém, um nanico subjugou os gigantes. Valendo-se de todos os artifícios possíveis, o FK Obilić promoveu um hiato na habitual história do futebol local.

Os dias de Arkan

A grafia pode ser diferente, mas o som é o mesmo. Aquele que acompanha as tramas de Batman, certamente, se lembrará do Asilo Arkham ao ler o nome do personagem que conduziu o pequeno clube da vila de Vračar, nas cercanias de capital iugoslava, ao sucesso. E a referência de fato é um tanto macabra. Não se engane, a casa dedicada ao aprisionamento de insanos é um dos lugares mais sinistros dos quadrinhos, séries e filmes. A questão é que Zeljko Raznatović, o Arkan da vida real, era tão

temido quanto. Com uma diferença substancial: ele era feito de carne, pele e ossos.

Originalmente, Arkan pertencia aos círculos de poder na antiga Iugoslávia. Era filho de um coronel da Força Aérea, no regime do Marechal Tito. Porém, a afirmação de seu poder não seria construída por meio de caminhos políticos e militares (embora tenha contado com uma mãozinha para se livrar de apuros algumas vezes). Houve, sim, armas envolvidas. Mas as forças utilizadas foram paramilitares. Uma tendência para a marginalidade sempre o marcou. Segundo narra o jornalista Jonathan Wilson, em "Behind The Curtain", o guerrilheiro aos 17 anos foi preso pela primeira vez.

Sem lugar em seu país, construiu reputação enquanto ladrão de bancos e joalherias na Europa Ocidental. Foi preso em países como Holanda e Bélgica, mas nunca ficou muito tempo trancafiado. Suas habilidades e sangue frio eram conhecidas. Isso ficou evidente quando passou a atuar ao lado do Departamento de Segurança do Estado (UDBA), uma espécie de KGB da Iugoslávia.

Um tipo por vezes taciturno, avesso aos vícios e adepto da disciplina, Arkan foi um dos responsáveis por tornar a torcida do Estrela Vermelha em um dos grupos de hooliganismo mais temidos do planeta. Parte de seus membros acabou integrando a Guarda Voluntária Sérvia, popularmente conhecida como "Os Tigres de Arkan".

A unidade foi um dos grupos paramilitares mais famosos da Europa, tendo sido responsável pela eliminação de uma infinidade de croatas e bósnios de origem islâmica, nas sangrentas guerras que ocorreram na década de 90 nos Bálcãs. Esses conflitos tornaram Arkan ainda mais notório. E rico. Assim, em meados da década de 90, ele estava decidido a ter seu próprio time de futebol e, ademais, desviar as atenções de suas outras atividades.

Do Estrela Vermelha ao Obilić

Com ligações estreitas com o único time eslavo a ter conquistado a prestigiosa Copa dos Campeões da Europa, Arkan estava

determinado a mandar no Estrela Vermelha. Todavia, não era tão fácil tomar um dos dois maiores clubes da região para si. Então veio a oportunidade com o Obilić, clube antigo (fundado em 1924) e nomeado em homenagem a Miloš Obilić, famoso guerreiro sérvio responsável pela morte de um sultão otomano na famigerada invasão de seu império à Sérvia, no século XIV.

A missão de transformá-lo em concorrente ao título era dura. Além de ser um clube de bairro, com pouca torcida e inexpressivo no contexto iugoslavo, encontrava-se na segunda divisão quando foi tomado em 1996. Logo, os Vitezov (os Cavaleiros) mudaram da água para o vinho. O acesso veio com um recorde impressionante logo no primeiro ano.

Em 33 jogos disputados, conseguiu 25 vitórias, quatro empates e só perdeu em outras quatro ocasiões. De longe, teve a melhor defesa do certame: só foi vazado 16 vezes – média de 0,48 gol/jogo. O ataque também foi brutal, o segundo melhor do torneio, com 65 tentos anotados. 15 pontos separaram o Obilić do segundo colocado. Apesar disso, o prodígio não se deu sem a intervenção de uma mão poderosa e temida. Fora das quatro linhas.

O casal Ceca e Arkan

Quando o clube recebia seus adversários, podia-se esperar um pouco de tudo. Ameaças a árbitros, atletas e treinadores rivais. Telefonemas amedrontadores. Até mesmo emissão de gases sedativos nos vestiários do time visitante (o que levava, por exemplo, algumas equipes a desembarcar no gramado já trocadas, prontas para o embate, conforme narra Wilson). Isso sem falar em intimidações veladas, que ninguém ousava pagar para ver se resultariam em algo.

Até a torcida, composta em boa parte por membros dos "Tigres de Arkan", era aterrorizante. O sucesso continuou na temporada que se seguiu e essas acusações nunca foram admitidas por quem quer que seja.

A corrida para a vitória

Em 1997-98, o Obilić obteve um registro ainda mais impressionante do que aquele do ano anterior. Agora na elite, em 33 jogos, só perdeu uma vez. Venceu outros 27 encontros e empatou cinco. Novamente, teve a melhor defesa, sofrendo apenas 19 tentos. Já o ataque marcou 72 vezes – apenas Estrela Vermelha e Partizan comemoraram em mais ocasiões.

É claro, nunca se saberá se de fato o pequenino clube era o time mais forte do país naquela temporada. E alguns resultados estranhos ajudam a entender o porquê de se pensar assim – além, claro, das alegações de absurdos extracampo. Na sexta rodada, o Obilić venceu o Estrela Vermelha, em casa, por 4 a 3. Um placar apertadinho demais.

A única derrota, curiosamente, também foi como mandante, para o Partizan, 2 a 1. Além disso, dos cinco empates, quatro aconteceram quando o time foi o visitante. É comum a obtenção de resultados piores fora de seu território? Em condições normais, sim. Considerando o histórico do clube e de seu mandatário algo, no mínimo, suspeito. O único empate ocorrido em casa foi justamente contra o poderoso Estrela Vermelha, por 2 a 2.

Contudo, nos resultados, não teve quem realmente desafiasse o time de Arkan. O Estrela Vermelha, vice-campeão, perdeu duas vezes e empatou uma nos confrontos diretos (ainda assim,

terminando apenas dois pontos atrás do vencedor); o Partizan, embora tenha ganhado uma vez, perdeu as outras duas e terminou 16 pontos atrás, na terceira posição.

Alegadamente, por meio do uso de meios pouco ortodoxos – para dizê-lo eufemisticamente –, o Obilić conseguiu algo que, fora os dois gigantes, somente outras três equipes sérvias conseguiram na história. Além disso, chegou à disputa da Liga dos Campeões.

Aliás, o time também chegou à final da Copa da Iugoslávia em 1998, perdendo-a para o Partizan. Há quem fale em conluio entre as equipes, com os alvinegros entregando jogos de campeonato em troca do título da copa. Nada disso foi algum dia provado.

Crimes e um final nada prestigioso

Ciente dos absurdos que aconteciam em território doméstico, a Uefa tentou vetar a participação do clube na competição de clubes mais prestigiosa do planeta. Assim, terminou, em tese, o domínio de Arkan. Ele cedeu o clube a sua esposa – uma mera testa de ferro. E o Obilić jogou a competição no estádio do Partizan, em atenção aos padrões exigidos pela entidade europeia. Foi mal. Na primeira fase, até eliminou os finlandeses do ÍBV, mas na sequência o Bayern de Munique destroçou os

eslavos, com um 5 a 1 no placar agregado. O clube caiu para a disputa da Copa da Uefa, mas novamente fez campanha ruim, perdendo de cara para o Atlético de Madrid.

Em casa, entretanto, parecia que tudo ia bem. A luta pelo título nacional em 1998-99 estava viva, com o Obilić na segunda posição, atrás do Partizan. Mas o campeonato acabou interrompido após a Otan intervir na Guerra do Kosovo e bombardear a Iugoslávia. O time alvinegro acabou sendo considerado o campeão. E muita coisa mudou após o final do sangrento combate.

As forças iugoslavas foram retiradas do Kosovo e começaram a ser feitas as acusações e procedimentos para a apuração de crimes de guerra. Embora tivesse se afastado do clube, Arkan foi um dos implicados, o que repercutiu no futebol. Assim, mesmo com o segundo lugar no campeonato iugoslavo de 1998-99, o Obilić foi impedido de disputar a Copa da Uefa, em razão das acusações de prática de crimes de guerra pelo condutor da equipe.

Arkan nunca chegou a ser julgado, porque, com 38 tiros no peito, foi assassinado em 2000. Quanto ao Obilić, em 1999-00 ainda conseguiu o terceiro lugar, feito que se repetiu no ano seguinte – já distante, em pontos, dos líderes. Um ano depois foi o quarto. A queda continuou com a mudança de nome do país (que passou a ser Sérvia e Montenegro), com o sétimo lugar em 2002-03. O rebaixamento acabou vindo em 2005-06.

Sob o comando de Svetlana Ražnatović, a esposa, uma famosa cantora conhecida popularmente como Ceca, o time foi ladeira abaixo. A dirigente, também envolvida em escândalos ligados ao crime organizado e desvio de verbas (efetivamente condenada em 2011), viu rebaixamentos sucessivos, um atrás do outro.

Sem respiro. Rapidamente se chegou à oitava divisão. Pouco depois, o clube encerrou suas atividades no futebol profissional.

Sem a impiedosa intervenção de Arkan, o Obilić não só voltou a ter seu papel tradicional no futebol local – o de time inexpressivo – como chegou ao verdadeiro fundo do poço. E as lembranças dos dias de glória não são propriamente bonitas. ■

Coors

CIRANDA CIRANDINHA AZUL LONDRINA

INGLATERRA | POR JESSICA MIRANDA

Antes do time estelar, o Chelsea dos anos 90 passou por uma saga quase folclórica de treinadores que também entravam em campo para jogar

Depois de piscar forte e expirar longamente, tive a coragem de ver o lance novo. O que parecia uma cena simples, ou seja, mais um desperdício de cobrança de pênalti, mexeu com meus sentimentos, ainda que brevemente.

Apertei o play. O robusto Frank Sinclair corre, acertando um forte chute cruzado de direita. Mas o arremate é alto, e no gol estava Peter Schmeichel. O goleiro voou e defendeu. Por capricho, a bola volta aos pés do zagueiro jamaicano criado na Inglaterra. Frank, como se para espantar a culpa, chuta novamente ao gol. Embora sem a intensidade do golpe anterior, a lenda do Manchester United ainda está se recuperando da defesa, longe do destino do chute, seu contrapé.

E então temos o momento do meu espanto. Peter Schmeichel defende de novo, dessa vez como um primo mais velho segurando

a testa de um pequeno familiar nervoso. Para completar o misto de vergonha com humilhação que deve ter sentido Sinclair, o pai de Kasper se ofereceu para defender um terceiro chute. Vem NIMIM.

A cena épica aconteceu na primeira cobrança penal vivida na disputa pelo título da Charity Shield de 1997. O Chelsea de Sinclair ainda desperdiçaria outra penalidade com Roberto Di Matteo, ocasionando mais um título para o multicampeão Manchester United.

A cada ano, a partir de uma década e meia atrás, fomos gradualmente nos acostumando a ver o time azul de Londres com elenco de estrelas no auge. Os contrários à questionável origem dos recursos viabilizadores de projetos como o de Roman Abramovich gostam de cutucar. Dizem que o Chelsea, antes da aquisição, era um time pequeno, sem relevância, torcida ou títulos.

Isso não corresponde à verdade. Frank Sinclair, cria da base, fez o que fez contra Peter Schmeichel pois o seu clube ergueu a FA Cup de 1997, assegurando o direito de enfrentar o campeão da Premier League pela taça da Charity Shield. A vitória por 2 a 0 contra o Middlesbrough de Juninho Paulista na final da Copa da Inglaterra encerrou o jejum do Chelsea de mais de vinte e cinco anos sem conquistas, contando com Ruud Gullit como jogador e técnico.

Os anos 90 dos Blues foram curiosos à beira do campo. O talentoso armador Glenn Hoddle, de intenso brilho com a camisa do Tottenham, estava já no fim de sua carreira, aos 36 anos, quando aceitou o convite para atuar e dirigir a equipe, em 1993. Dois anos depois, aposentado do campo, contratou Gullit. O holandês chegou sem custos da Sampdoria, clube que defendeu após conquistar tudo, inclusive uma Bola de Ouro em 1987, com o Milan de Arrigo Sacchi.

Em campo, a ideia de Ruud era jogar novamente na posição de líbero, a mesma do início de sua carreira. Numa Premier League ainda carente de inovação técnica e tática, a experiência não se mostrou frutífera. Seus companheiros de defesa estavam

desacostumados e, por vezes, até percebiam com estranheza algumas de suas jogadas. Hoddle, então, colocou-o no meio de campo.

Ninguém imaginava que no fim da temporada de 1995-96 o então técnico do Chelsea receberia o convite para assumir a seleção inglesa. Com o sim de Hoddle, foi a vez de Ruud começar sua carreira de técnico, acumulando esta função com a de jogador. Aliando a idade com as constantes lesões, a escolha se mostrou prudente.

A derrota para o Manchester United não abalou o prestígio de Ruud como técnico, afinal, ele fora o responsável por fazer os torcedores novamente gritarem "é campeão" pouco tempo antes, com a mencionada vitória da FA Cup. A ruína do holandês como treinador se deveu a ele mesmo, no seu trato com diretoria e jogadores, figuras como Gianluca Vialli.

Com a demissão do holandês, em fevereiro de 1998, o cargo de jogador e comandante caiu no colo de Vialli. Curiosamente, o italiano havia sido contratado por recomendação de Ruud. Três meses depois, o Chelsea era campeão da taça da Liga Inglesa e da Recopa. O ex-atacante ainda conquistaria duas Supercopas (da Uefa e da Inglaterra), além de outra FA Cup. Mas o século virou e então a ciranda azul londrina dos jogadores-técnicos acabou: chegou Claudio Ranieri. ■

GUARANI

O MILAGROSO GUARANÍ DE CAYETANO RÉ

PARAGUAI | POR FELIPE PORTES

Surpreendendo os grandes, o time aurinegro usou de um ataque fulminante para escrever a última grande história do futebol paraguaio

O futebol paraguaio é, por vezes, considerado inábil por amantes do esporte na América do Sul. Especialmente no Brasil, times paraguaios são vistos ora como azarões, ora como meras pedras no sapato.

Dentre os adversários recentes nas copas Libertadores da América e Sul-Americana, o Guaraní é um dos mais memoráveis. Não tanto por jogar um futebol envolvente ou por apresentar algo completamente novo, e sim por ter eliminado o Corinthians em sua casa, no ano de 2015.

Aquele elenco conduzido pelo espanhol Fernando Jubero chegou longe: beliscou uma vaga nas semifinais da Libertadores e fez boas campanhas nacionais no Apertura e Clausura. No ataque, Federico Santander chamava a atenção. O goleador foi tão bem que acabou saindo no segundo semestre do ano para jogar no Copenhagen, da Dinamarca.

Demorou um ano para que o mesmíssimo elenco conquistasse o título do Clausura, em 2016. O clube aurinegro não conhecia nenhuma glória desde 2010. Antes disso, a espera foi ainda mais longa. É preciso voltar no tempo até a década de 1980, quando o Guaraní apostou em uma lenda nacional para triunfar.

Cayetano Ré: um homem em uma missão

O ano de 1959 corria quando o pequeno atacante Cayetano Ré deixou o Cerro Porteño para rumar ao futebol espanhol. Primeiro representando o Elche, depois Barcelona, Espanyol e Terrassa. O goleador se aposentou em 1972 e continuou morando na Espanha até a primeira metade da década seguinte.

A convite do Guaraní, retornou à terra natal em 1984, no início da campanha, para montar um time ambicioso e revolucionário. Ré, que já possuía demasiada experiência como técnico, exercendo a função desde 1973, aceitou prontamente. Ninguém esperava que a parceria fosse bem sucedida em tão pouco tempo.

Cayetano impôs um sistema diferente do que era praticado no Paraguai. Ao investir na marcação individual e em um ritmo frenético de passe e progressão, o Guaraní ganhou fôlego e força para brigar entre os grandes. À época, enfrentava um jejum incômodo de 15 anos sem títulos, além da perda de espaço no cenário local.

Os guerreiros do Cacique

O elenco não trazia nenhuma face conhecida do futebol sul-americano. Com o perfil mais discreto e batalhador, o Guaraní tinha, no entanto, dois irmãos que fariam parte da história da seleção paraguaia: José Luis e Rolando Chilavert. O primeiro, um goleiro impetuoso, entraria posteriormente para o hall da fama como exímio cobrador de faltas.

O Chilavert arqueiro tinha apenas 18 anos e foi titular por boa parte da temporada de 1984, enquanto esperava por uma chance de substituir Julian Coronel. Rolando, meio-campista, estava no alto de seus 23.

Além deles, se destacavam os defensores Vladimiro Schettina, Virginio Cáceres, Luis Caballero, Geronimo Ovelar; os meias Felix León, Julio César Franco e o atacante Buenaventura Ferreira.

Todos eles, depois disso, serviram a seleção paraguaia. Seja na Copa do Mundo de 1986, com Ré no comando, ou nas Copas América de 1987 e 89. A influência do Cacique, como o clube é conhecido, na identidade paraguaia daquela década foi enorme.

Simplesmente fantástico

De peito aberto e com uma coragem inigualável, o esquadrão aurinegro repleto de operários escalou a montanha e castigou o gigante Olimpia em uma decisão marcante. O sucesso repentino de Ré e seus pupilos impressionou todo o país. Em dado momento, lotou o Defensores del Chaco com cerca de 50 mil pessoas.

Na primeira fase, a campanha de vice-líder foi impressionante: oito vitórias, nenhum empate e duas derrotas. Mesma pontuação do líder Olimpia, que levou a melhor por ter dois gols a mais

de saldo. No playoff para decidir o campeão do turno, levou uma surra do Decano: 6 a 3 para o Olimpia, que honrava seu favoritismo na competição. A defesa do título confirmaria o heptacampeonato nacional. Mas no restante da Liga, o Guarani incomodou ainda mais e teve sua vingança.

Vale um adendo para explicar a fórmula do Paraguaio naquele ano. Eram dois turnos na primeira fase, no qual todos os times se enfrentavam. A partir da segunda, os dez participantes foram divididos em dois grupos.

Os vencedores da primeira fase (Olimpia e Guaraní) avançaram para a terceira e apenas cumpriram tabela nos grupos. No último estágio, os campeões e as quatro outras melhores campanhas gerais formavam um hexagonal de apenas um turno.

Quando começou a segunda fase, a equipe aurinegra voou e a encerrou com 16 pontos em nove partidas, sem nenhuma derrota sequer. Sete vitórias e dois empates empurraram o Cacique para o último estágio do Paraguaio, com muita confiança pelo trabalho que estava sendo feito.

Ré trouxe da Espanha algumas tendências ofensivas. Esse conhecimento foi inserido profundamente na postura do Guaraní, que apresentava muito dinamismo e agressividade. Era comum marcar mais gols que os demais, o que fica provado com o desempenho ofensivo nos dois turnos, marcando 16 e 19 gols, respectivamente, superando todos os outros times da competição.

Quando chegou a terceira fase, composta por dois grupos de cinco equipes, o Guaraní descansou as pernas e poupou titulares, já que estava credenciado a seguir como campeão. A lanterna do grupo B, com apenas cinco pontos em dez jogos, não assustou. Algo maior estava em curso.

Novamente invicto, venceu a turbulenta fase final empatando três vezes contra Cerro Porteño, Libertad e Sol de América. Os triunfos diante do Atlético Colegiales e Olimpia sacramentaram o título de Cayetano Ré e sua tropa. Mas não foi de qualquer jeito. Foi com emoção.

VÍDEO |
Veja os gols de Guaraní x Olimpia
Decisão do Paraguaio de 1984

A virada na decisão

Para conquistar de vez a glória, em 25 de novembro de 1984, o Guaraní precisou superar um velho conhecido: o Olimpia. Na primeira fase, a goleada por 6 a 3 abalroou o Cacique. Sedento por vingança, Ré armou uma formação ousada. E pagou o preço na primeira etapa. Logo aconteceram dois vacilos da zaga. O Olimpia abriu 2 a 0 e praticamente garantiu a vitória. Porém, a mão do técnico mudou o desfecho: sem medo de levar mais gols, Cayetano promoveu a entrada de dois atacantes na etapa final. Completamente ofensivo, o Guaraní tomou conta e bombardeou a defesa alvinegra. Assim, Javier Villalba liderou o ataque e marcou duas vezes. Eulalio Mora e Oscar Giménez fizeram os outros gols.

Pelo chão e pelo alto, o Guaraní destruiu o Olimpia, acomodado em campo. Rendido, o Decano apenas assistiu ao restante da partida, massacrado e ficando a ver navios na luta pelo heptacampeonato. Cayetano Ré conduziu o Guaraní em uma fantástica jornada rumo ao topo no Paraguai, conquistando o nono título da agremiação. Em 1985, depois da façanha, retornou ao Cerro Porteño e de lá partiu para comandar a seleção nacional na Copa do Mundo de 1986.

No certame, com uma vitória e dois empates, o Paraguai avançou de fase. Ré, obviamente, levou seus homens de confiança no Guaraní para o México. Buenaventura Ferreira e Vladimiro Schettina participaram da campanha de oitavas de final. A eliminação aconteceu contra a Inglaterra, por 3 a 0, sem chances para os sul-americanos.

O Guaraní, posteriormente, só tornou a conquistar o Paraguai em 2010 e 2016 – já sem o mesmo charme da geração que enfeitiçou o país e representou como poucos a alma de um povo.

O AUGE DA INSANIDADE NA LIBERTADORES

GRANDES BATALHAS | POR FELIPE PORTES

Grêmio e Palmeiras se batem na Libertadores de 1995. Viaje no tempo e reviva um capítulo insano da história do futebol sul-americano

É Libertadores. O suor frio começa a correr já no sorteio. Você não sabe se o seu time vai aguentar a disputa, se estará melhor que o rival ou se o pessoal vai estar inspirado na hora que a bola rolar. Dois times brasileiros se enfrentam em mata-mata. É uma tensão enorme só pensar que um conhecido da sua terra vai ser o seu adversário, e que ele sabe cada detalhe, artimanha, e possíveis armas que o rival pode usar para vencer.

O quadro fica ainda mais imprevisível quando os envolvidos foram campeões nacionais no ano anterior e estão na ponta dos cascos. É esse o contexto de Palmeiras e Grêmio, nas quartas de final da Libertadores de 1995. Duas forças brasileiras lutando pela sobrevida no torneio mais importante e disputado da América do Sul.

É 26 de julho. No estádio Olímpico, em Porto Alegre, não faz tanto frio quanto poderia, em se tratando de pleno inverno.

E mesmo se fizesse, o time da casa daria conta de aquecer o coração e os ânimos de qualquer presente. Até quem vê pela TV é contagiado pelo delírio que envolve esse jogo.

É ocasião para lotação máxima – mas deixemos que no futuro lembrem disso como um desejo frenético de voltar no tempo: quem viveu este 26 de julho, não quer sair dele jamais.

A eletricidade está lá, entre a arquibancada e o gramado. É quase palpável. Qualquer míope consegue perceber que ali há dois times prontos para conquistar a vaga e derramar o sangue alheio, além do seu próprio, caso seja necessário.

O tricolor alinha Danrlei, Francisco Arce, Catalino Rivarola, Adílson, Roger, Dinho, Carlos Miguel, Luís Carlos Goiano, Arílson, Paulo Nunes e Jardel. Tem Felipão na casamata. Já o alviverde manda a campo Sérgio, Cafu, Antônio Carlos, Cléber, Roberto Carlos, Amaral, Alejandro Mancuso, Flávio Conceição, Válber, Muller e Rivaldo. Carlos Alberto Silva é quem está no banco.

O clima demora a aquecer com a bola rolando. Mas quando esquenta... Com vinte e poucos minutos, toca pra lá, toca pra lá, olha para o relógio. O Grêmio é incontestavelmente melhor e faz por merecer uma vitória. Força Sérgio a praticar grandes defesas. O goleiro alviverde, no entanto, não é o sonho da torcida. É, se muito, uma solução para as constantes ausências e a má sorte de Velloso, o dono da posição. Essa partida vai ser decidida com a cabeça. Tudo indica que sim.

Rivaldo abre os trabalhos da selvageria. Ele já cometeu uma entrada violenta por trás, mas escapou sem levar nenhum cartão sequer. Pouco depois, em dividida com Rivarola, o atacante vê que vai levar uma solada e entra por cima, deixando o pé para atingir o rosto do paraguaio. O juiz vê tudo e aplica o cartão vermelho ao palmeirense, que faz longa cera na lateral, alegando estar contundido. Verdão com dez em campo.

Dinho, em certo ponto, acerta uma cabeçada em Válber. É o passaporte para a confusão. No meio do campo, irrompe um empurra-empurra. Marcas de uma postura agressiva por parte de ambos. Ali, começa um bafafá com contornos históricos.

O Palmeiras se revolta, quer cartões vermelhos. Quer Dinho fora. Válber não deixa por menos e soca a cara do volante rival, que sangra de imediato. É preciso que o bandeira entre para confirmar que houve agressão mútua. Muito embora o árbitro Cláudio Vinicius Cerdeira esteja mais preocupado com o escanteio a ser cobrado pelo Tricolor na outra ponta.

O público, claro, adora. Quer briga, pancadaria, tumulto e quer também fazer parte da festa. Os gritos insuflam ainda mais o ambiente bélico. Os rivais estão a um soco da guerra. Repórteres de rádio e televisão tomam conta das linhas laterais. Agora até a polícia dá as caras. Homens da Brigada portando escudos intimidadores planejam colocar ordem na situação. Os jogadores do banco palmeirense entram no gramado para protestar.

Enquanto isso, as arquibancadas do Olímpico prestam seu apoio ao guerreiro ferido: "DINHO! DINHO! DINHO!", dizem elas, enquanto o camisa 5 é escoltado para fora do campo, com a testa aberta, tingida em vermelho.

Os capitães argumentam, na esperança de convencer o árbitro de que o lance foi normal. Cada um tenta salvar os seus. Mas Cerdeira é irredutível. Válber é expulso primeiro. Dinho em seguida. A pressão dos palmeirenses é crucial no cartão dado

ao gremista. Não fosse por eles, provavelmente teria ficado por isso mesmo. Não acaba aí.

Na saída do campo, eles se pegam de novo. Válber, sincero, reconhece que acertou Dinho, mas depois de ter levado uma cabeçada no rosto. Atrás do gol gremista, o jogo volta a pegar fogo sem a bola. Dinho jura Válber e os dois saem na porrada outra vez, agora com um preparador físico do Palmeiras entre eles.

Dinho chega na voadora, mas acerta o vento. Válber tenta se desvencilhar da turma do deixa disso. Quem vem de longe, agora, é Danrlei, para socar Válber. Os gandulas se dispersam. Uns correm perdidos, outros vão para perto do espetáculo. O jogo iria recomeçar depois do quinto minuto de pausa. Mas parece que vai demorar um pouco mais.

O reserva palmeirense Tonhão, em missão de paz, corre até Válber para tirá-lo de lá. Isolando o companheiro do furacão, o zagueiro tem papel de suma importância para conter os danos da briga. Justo ele, que, meses antes, desferira socos e mais socos em um clássico com o São Paulo. Felizmente, não houve no Olímpico violência parecida com aquele chamado "clássico da paz" no Morumbi.

O jogo segue. Com um tempão de acréscimo, é verdade. Mas segue. Aos 41, Arce abre o placar. Uma bola espirra na defesa paulistana e cai fora da área. Sozinho, o paraguaio tem tempo de ajeitar de coxa e mirar no gol de Sérgio. Então, sai uma bomba precisa no cantinho. Depois, aos 51, Arílson arrisca de longe, um metro para trás do ponto em que Arce disparou para fazer o primeiro. O chute sobe e desvia em Mancuso. Sérgio está adiantado e calcula mal a distância. A bola cai venenosa e caprichosamente por cima do arqueiro, que salta e se choca com o solo. Lá estava, no fundo das redes, o segundo tento gremista.

O intervalo vem, tardio, mas esfria o conflito entre as delegações. Sobretudo a do Palmeiras, que sente a desvantagem e desce a ladeira. Roger recebe na lateral esquerda, puxa para o fundo e cruza, mirando a área palmeirense. Jardel antecipa a marcação e toca de fininho para vencer o zagueiro e Sérgio. Um toque, um

gol. Três para o Grêmio, nada para o Palmeiras. A torcida já sente o cheiro de goleada. O Palmeiras tem nove em campo e precisa se reagrupar para evitar um vexame.

O problema para Carlos Alberto Silva é mais profundo. É emocional. É no pavor que os jogadores sentiram ao verem o Grêmio se impor física e tecnicamente. A coisa piora ainda mais. A cada minuto, a vaca paulistana caminha rumo ao brejo. Outro

gol de Jardel, agora de cabeça, sua especialidade. A defesa palmeirense só olha, Carlos Miguel evita a saída na linha de fundo e acerta um passe na testa de Jardel. Cléber, que marcava o goleador, demora demais para reagir e não sai do chão. Assim fica difícil. Quatro bolas do Imortal no barbante. Virou passeio.

E então, vem outra bola na área. Paulo Nunes carrega na direita e manda o canhão. Como se fosse uma repetição, Jardel sobe e cabeceia. Agora Sérgio espalma. Para o azar do palmeirense, a bola volta para a cabeça do atacante. Por cobertura, Jardel faz o quinto. Ele insiste, ele marca, ele fecha a conta. O Palmeiras nem sabe o que acontece. Não anotou a placa e está sendo atropelado.

Por sorte, o Grêmio fecha a lojinha. O placar fica nisso mesmo: um elástico 5 a 0 para os gaúchos no duelo dos dois melhores do país naquele momento. Sobrando demais, o Grêmio de Luiz Felipe Scolari ganha moral, enchendo o tanque com confiança para os jogos seguintes.

O caminho para levantar mais uma taça continental é longo, mas possível. A estrada esburacada é apenas um teste de paciência, de dureza. Ninguém nunca alcançou a glória sul-americana em asfalto liso e macio. Os campeões são forjados nessas circunstâncias: no sangue, na coragem, no braço de ferro e na bola. Uma soma de todos os fatores que levam ao topo.

Será preciso muito mais que isso se o Palmeiras quiser se recuperar minimamente do que aconteceu em Porto Alegre. Será que o elenco da Parmalat, recheado de estrelas, vai jogar à altura do que se espera ou sairá dessa Libertadores com uma mão na frente e outra atrás, sem saber o que o atingiu?

Tudo pode acontecer em São Paulo. Afinal, esse é o auge da insanidade nesse torneio. Quem bate mais, chora menos. A hora é de alinhar os canhões, preparar a artilharia. O tira-teima será no estádio Parque Antártica, em 2 de agosto. Salve-se quem puder.

FUTEBOL E LITERATURA: A VISÃO DE MARTÍ PERARNAU

ENTREVISTA | POR WLADIMIR DIAS

Martí Perarnau é autor de sucessos da literatura esportiva. Em entrevista, o espanhol fala sobre público, mercado, objetivos e processo criativo

Nos últimos anos, literatura e futebol ganharam um novo fôlego no Brasil. Uma das causas, certamente, foi a fundação da editora Grande Área. Com ela, novas obras ganharam tradução para o português e chegaram às mãos do amante do esporte bretão.

Duas das mais famosas foram escritas pelo catalão Martí Perarnau, ambas registrando, de dentro, o trabalho do treinador Pep Guardiola no Bayern de Munique. Ex-atleta olímpico (na modalidade salto em altura), jornalista e escritor, o autor tem ideias muito bem definidas a respeito da produção literária a respeito do futebol.

Em entrevista, o espanhol falou sobre diversas questões – desde seu processo criativo até a divulgação do livro pronto. Refletiu também sobre o espaço desse tipo de publicação no mercado, públicos-alvo, o papel da grande mídia e sobre sua

experiência. Apresentou visão crítica. Não teve papas na língua para dizer, dentre outras coisas, que "o público é o objetivo da indústria, mas não pode ser o do autor".

Foi interessante perceber, ainda, uma tendência à ambivalência. Ao mesmo tempo em que oferece uma visão que mantém os pés bem fincados no chão, um tanto descrente com relação ao lugar da literatura no futebol, não deixa de produzir, remando contra a maré que ele próprio define.

Talvez seja esse mais um reflexo das relações das pessoas com o futebol, em que a distância entre o êxtase e o desapontamento é delimitada por uma bola que atravessa, ou não, uma linha e balança as redes – em um universo marcado por um denominador comum: a paixão.

Relvado: Olá, Martí. Antes de mais nada, gostaria que falasse um pouco sobre seu trabalho. Como é o seu processo criativo?

Martí: Pouco sofisticado. É um processo que, obviamente, procede da minha formação como jornalista. Penso que os livros que escrevi são mais reportagens, não são romances, nem ensaios. Têm um inevitável ar de reportagem jornalística. Por essa razão sempre me custa me qualificar como escritor. Sou um autor, mas não creio que possuo, ainda, a verdadeira categoria do escritor.

O processo de trabalho foi definido por Eduardo Sacheri, com sua habitual precisão cirúrgica: "Observar, Recordar, Narrar". São os três vetores imprescindíveis para escrever um bom livro ou, pelo menos, os três a que me submeto em todo o processo.

É certo que os livros a respeito do futebol são muito sensíveis e se beneficiam desses três vetores, porque são um conteúdo que permite de modo muito fácil, observar, lembrar e narrar com muita facilidade. No meu caso, reconheço que na fase de observação, o fato de documentar muito, tem um grande peso.

Me dedico muito a ele porque deposito minhas esperanças sobre o livro nessa parte.

De onde partiu a iniciativa de escrever livros a respeito do futebol?

Estive vinte anos fora do jornalismo, mas por volta de 2005 voltei a escrever artigos e participar de programas de rádio e televisão. Passei alguns anos escrevendo sem parar, até que me dei conta da superficialidade de tudo aquilo. Passava o dia cumprindo exigências de jornais, rádios e televisões que queriam qualquer opinião, mas sempre sobre os mesmos assuntos: [Lionel] Messi, Cristiano Ronaldo, etc...

Era um ciclo vicioso sem fim. Decidi deixar esse circuito e abandonar os meios de comunicação porque não são nada mais do que geradores de pressas, superficialidade e ódios. O livro, por outro lado, sugere tranquilidade, profundidade, expansão. Escrever um livro é construir.

Como você enxerga a exploração do futebol na indústria literária? É satisfatória ou deixa a desejar?

O futebol permite ser observado a partir de muitas óticas literárias. Permitiu a produção de bons romances – ainda que não muitos –, maravilhosos relatos e contos como os de [Eduardo] Galeano, [Roberto] Fontanarrosa, ou Sacheri, e histórias formidáveis. Não possui a épica do ciclismo, nem a tragédia do boxe, mas admite uma alta riqueza literária.

Minha reflexão sobre isso é a de que, talvez, as melhores páginas ao redor do futebol já tenham sido escritas. Desde já, as páginas mais literárias, as mais belas, épicas e dramáticas provavelmente já pertencem ao passado. O que resta fazer é seguir resgatando a história não conhecida e também um grande número de histórias pessoais que são sugestivas.

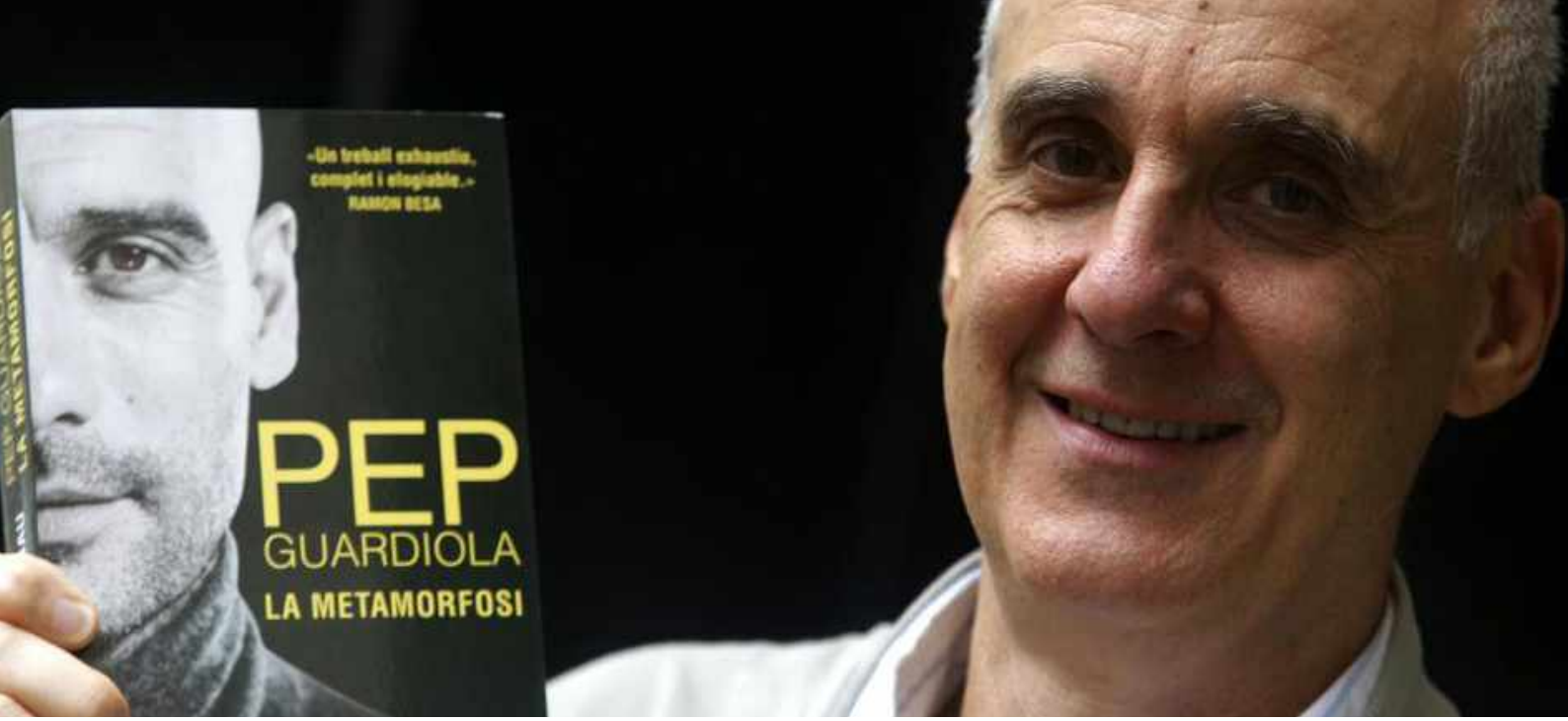
Ao escrever, qual tipo de público você visa atender?

Com toda a sinceridade, nenhum. Cada vez que escrevo um livro tento ser honesto e meticuloso, cumprir os objetivos a que me propus ao começá-lo, e construir um projeto cujo resultado seja interessante, ainda que não necessariamente simples, agradável ou leve.

Não creio em subordinar o conteúdo de um livro ao que o público exija. É exatamente isso que os meios de comunicação em geral estão fazendo e isso é o que os transformou em uma porcaria. O público nem sempre tem razão. O público pode ser majoritário, tem direito a recusar seu produto, pode lhe virar as costas... mas nada disso lhe dá a razão. O público se colocou contra a obra de [Wolfgang] Mozart em suas melhores óperas. O público recusou por completo a obra genial de [Arthur] Schopenhauer. O público se aborrecia em Weimar com as obras de [Johann] Goethe.

O público é o objetivo da indústria, mas não pode ser o do autor. Se me lêem, bem. Se não me lêem, isso não diminuiu em nada o valor do livro. O livro é bom ou ruim, mas não pelo número de exemplares que tenha vendido, e sim porque é bom ou ruim em si mesmo. Eu pretendo escrever bons livros, dentro de um âmbito modesto que já está definido. Não pretendo escrever best-sellers, nem vender muitos exemplares, nem satisfazer a nenhum público. Penso que aquele que diz que se deve "ao seu público" não é mais do que um vendedor de livros, o que não é o mesmo que ser escritor.

Os seus livros obtiveram reconhecimento internacional, o que fica evidente diante do fato de que foram traduzidos para diversas línguas. Como se dá o processo de distribuição e divulgação? Quais os principais obstáculos?



> **O público é o objetivo da indústria, mas não pode ser o do autor. Se me lêem, bem. Se não me lêem, isso não diminuiu em nada o valor do livro.**

Fica nas mãos da editora. O meu primeiro livro ("Senda de campeones", 2010) me deixou muito descontente. A despeito das tentativas de várias editoras inglesas, os direitos de tradução não foram vendidos à Inglaterra, o que foi uma pena, como também acabou sendo o fato de que não fizeram reedições, uma vez que se tornou totalmente esgotada a edição original em castelhano. É um livro totalmente fora de catálogo atualmente.

Felizmente, encontrei uma editora com maior sensibilidade (Córner Editorial) e nos meus livros seguintes foi tudo muito diferente. Ainda que seja uma editora de tamanho médio e especializada em esporte, tem boas relações internacionais e conseguiu uma difusão muito ampla. Por exemplo, "Herr Pep" ["Guardiola Confidencial", na tradução brasileira] foi traduzido para treze ou quatorze idiomas diferentes. Foram muito eficientes.

Em que medida, as redes sociais enquanto meios de divulgação foram importantes aliados na divulgação de seus livros?

Praticamente em nenhuma medida, porque sou contrário à divulgação de partes do livro em redes sociais. Se o fazes motu proprio acabas caindo na propaganda cansativa, a discrição me

parece melhor. Anuncio que publico o livro e também quando se edita em algum novo país ou um pouco mais.É difícil encontrar o equilíbrio, mas prefiro ficar com pouco do que pecar pelo excesso.

E quanto a retuitar elogios ou comentários, não sou partidário, porque a tentação de me tornar vaidoso é muito atraente e fácil, pelo que evito. Dessa maneira, minha posição é muito pouco comercial, mas é que minha missão e vocação não é vender livros, e sim escrevê-los. Soa um pouco estranho ou antiquado nesses tempos de tanto ego, mas eu vejo desse modo.

Uma visão baseada em estereótipos indica que o público que acompanha o futebol e que gosta de lê-lo não é muito grande. Quais as suas estratégias para tornar um projeto editorial a respeito do futebol financeiramente viável?

Esse estereótipo é muito adequado à realidade espanhola, em que o futebol lido interessa pouco. Encontrei uma diferença grande na Alemanha e, especialmente, na Inglaterra, onde existe um grande interesse pela história do futebol – e o esporte em geral –, e pelas histórias fascinantes, que não necessariamente são as mais famosas.

Na Espanha, tenho a impressão radicalmente contrária: ninguém parece se interessar pela história, que é imprescindível para conhecer o porquê de estarmos onde estamos, não as histórias sugestivas. Li livros fabulosos sobre personagens como [Alfredo] Di Stéfano, [Ferénc] Puskas, ou [Arrigo] Sacchi que, entretanto, passaram completamente despercebidos. Suponho que, por essa razão, as editoras devem publicar de vez em quando livros comerciais, para compensar.

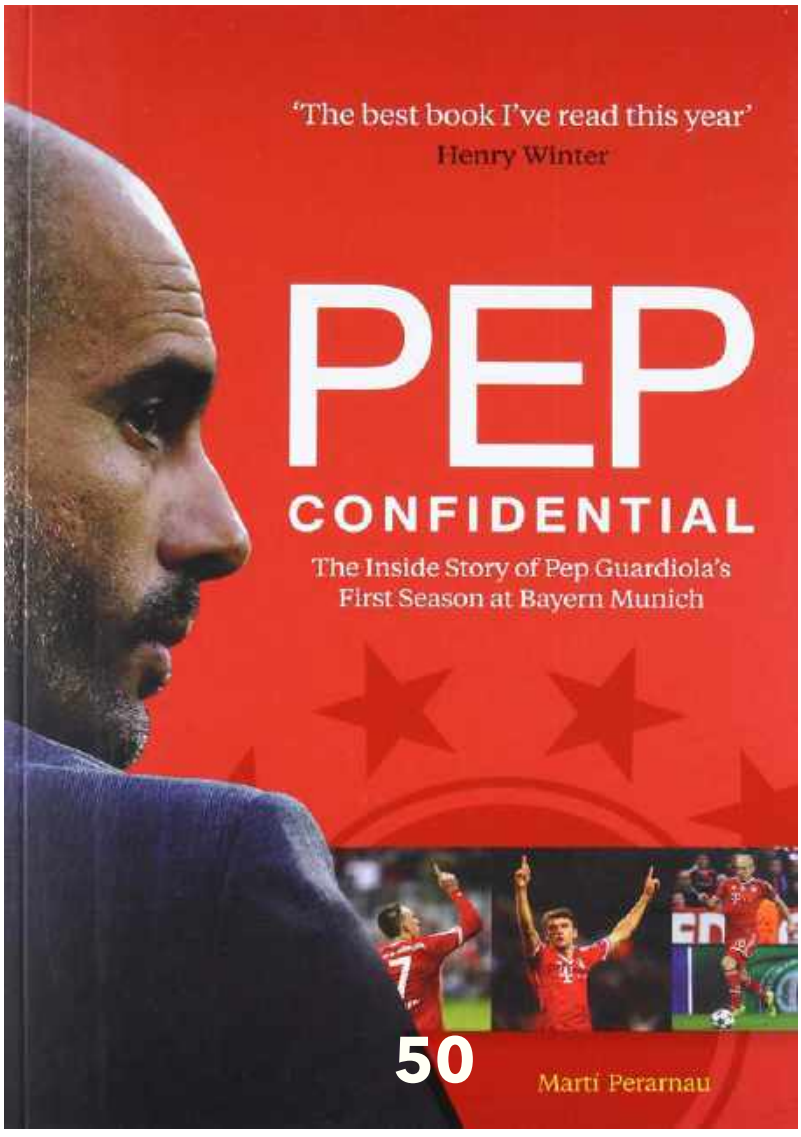
Finalmente, acredita que a literatura esportiva tem um público com capacidade de crescimento e que há espaço no mercado literário para a proliferação de livros de perfil semelhante ao dos seus?

Sinceramente, não. Não noto que exista uma capacidade de crescimento porque para que ocorresse deveria se dar antes outro fenômeno: que o público tivesse verdadeiro interesse por

conhecer em profundidade o futebol (ou o esporte) e para que isso ocorresse os meios de comunicação deveriam ser difusores do mesmo. Mas acontece o contrário: os meios só difundem tópicos e estereótipos, quando não coisas ainda piores.

Não, não vejo nenhum potencial de crescimento. Em países como Inglaterra ou Alemanha podemos aspirar a que se mantenha em bom nível o existente ou um pouco mais. Não creio que seja um fenômeno relacionado com o futebol. Tampouco detecto, à margem do mundo acadêmico, o crescimento do público interessado em aprofundar o conhecimento das belas artes, das ciências ou da filosofia.

Se por acaso o que se vende são livros de charlatães com quatro aforismos que aparentam vender como se fosse filosofia, ao fim e ao cabo, uma das mudanças mais profundas vividas por nossa sociedade nos últimos cinquenta anos é precisamente essa: a aposta descarada pela superficialidade e a propaganda enganosa. ■



revistarelvado.com.br